

Fármacos Chineses Usados na Medicina Portuguesa no Século XVIII

ANA MARIA AMARO*



INTRODUÇÃO

Viajantes mais ou menos anónimos terão transportado consigo as mais diferentes drogas curativas tanto pelas estradas da Ásia Interior como por mar, pelo menos desde a dinastia Han. Contudo, as fontes chinesas referem-se à intensificação destas trocas principalmente na dinastia Tang, identificando até alguns comerciantes responsáveis por este fluxo de fármacos da Arábia e do Sudoeste Asiático para a China. Um deles, Li Susha 李苏沙, de origem persa, naturalizado chinês, ficou registado nos anais chineses do seu tempo por ter oferecido uma valiosa droga aromática denominada *chen xiang ting zi* 沉香亭子 ao imperador Jingzong em 824.

A farmacopeia oficial da dinastia Tang, *Xin Xiu Ben Cao* 新修本草 (Matéria Médica Revista), e o *Ben Cao Shi Yi* 本草拾遺 (Adenda à Matéria Médica) incluem muitas destas drogas estrangeiras a par dos numerosos medicamentos chineses. Nos últimos anos da dinastia Tang, o livro *Hai Yao Ben Cao* 海药本草 (Matéria

Médica Ultramarina), em 6 volumes, refere-se especificamente às drogas estrangeiras que poderiam adquirir-se naquela época nas farmácias do Grande Império do Meio.

O autor deste livro, Li Xun 李旬, tinha estudado a farmacopeia árabe. Segundo Shen Fuwei 沈福伟, as fontes históricas registaram que este estudioso foi convidado pelo famoso médico islâmico al-Razi (865-925) para visitar Bagdade e estudar os trabalhos do antigo mestre romano Claudius Galeno (129-199). Nos séculos IX-X verificou-se uma verdadeira troca de conhecimentos médicos entre a China e a Pérsia, conhecimentos herdados também do mundo mediterrânico, que tornaram muito mais rica a arte de curar nos dois extremos do continente asiático. Daí ser impossível falarmos hoje com propriedade em medicamentos chineses usados em medicina portuguesa num determinado período, uma vez que muitos deles, por via dos árabes, poderão ter entrado muito mais cedo ou mesmo influenciado a utilização de outras espécies semelhantes. Limitar-nos-emos por este motivo a citar alguns exemplos de medicamentos que, sendo originários da fauna e da flora chinesas, constam dos documentos médicos portugueses do século XVIII, sem ser possível determinar, embora, quando e como eles terão entrado nas farmacopeias ocidentais. Inegável é,

* Doutorada em Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa, jubilou-se como Professora Catedrática do ISCSP/UTL (Lisboa).

Ph.D. in Anthropology from Lisbon's Universidade Nova. Retired Professor of ISCSP/UTL (Lisbon).

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

porém, o papel dominante da Companhia de Jesus na divulgação e introdução inovadora de muitos destes fármacos bem como dos conhecimentos médicos do Celeste Império que eram experimentados e utilizados nas suas próprias boticas.

O PAPEL DOS JESUÍTAS NA INTRODUÇÃO DE FÁRMACOS CHINESES NA MEDICINA OCIDENTAL

Os séculos XVII e XVIII foram marcados na Europa pelo crescente interesse pelo conhecimento do povo chinês através da arte de exportação e da nova bebida tão estimulante como saborosa, o chá.

François Bernier no *Journal des Savants* de 24 de Abril de 1684 foi um dos primeiros, se não o primeiro, a propor a divisão da raça humana em quatro grupos, acrescentando-lhe o “elemento amarelo”. Este conceito, desde Marco Polo a Afonso de Albuquerque, não se tinha concretizado na Europa porque os chineses, por comparação com as populações africanas e do Sudeste da Ásia, eram olhados como “brancos” em função do tom claro da sua pele. A confirmar o desconhecimento que dominava a Europa acerca da China e do povo chinês é de citar a descrição que, em 15 de Setembro de 1684, surgiu no periódico mensal *Mercure Galant* de um jovem chinês apresentado pelo Pe. Couplet ao rei de França Luís XIV. Este jovem foi, então, descrito como um “jovem indiano com os seus trajas indianos”.

Só nos finais do século XVII, quando, em 1687, começaram os estudos sistemáticos de Sinologia em Oxford e os chineses passaram a ser melhor conhecidos nos meios académicos de França, é que começaram a surgir registos de vários nomes de chineses residentes na Europa, nomeadamente nos colégios da Companhia de Jesus.

Admite-se hoje que o estudo da língua e da cultura chinesas tenha nascido em França, sendo seus impulsionadores os padres e os irmãos jesuítas que pontificaram na corte de Pequim. Contudo, talvez os estudos de Sinologia que mais impacto tiveram na Europa tenham sido os que tiveram lugar na Escola de Yenna com Leibniz, que se correspondia com o Pe. Athanasius Kirshner S. J., seu conterrâneo, que lhe transmitiu ensinamentos da filosofia chinesa que muito o impressionaram e influenciaram os seus escritos.

No entanto, não só foi notória a influência do Pe. Athanasius Kirshner S. J. ; também é de citar o francês Jean-Baptiste Bertin (1719-1792), responsável pela correspondência da Companhia das Índias com a China, que recolheu importantes documentos e foi pioneiro no reconhecimento e na importância dos missionários jesuítas instalados na corte imperial de Pequim, quer nos assuntos comerciais, quer políticos quer científicos.

A partir de então, por influência dos jesuítas que se encontravam na China, a sinologia europeia cresceu ao longo do século XVIII, criando-se vários centros de estudo, um dos primeiros dos quais se deveu aos esforços de A. H. Francke, aluno de Leibnitz¹, que fundou em Halle, em 1707, a Academia de Teologia Oriental, que integrava um departamento para o estudo da filosofia chinesa. Estes estudos chamaram, como seria de esperar, a atenção dos círculos académicos europeus e a sua divulgação logrou atrair cada vez mais estudiosos.

Em 1732, o jesuíta italiano Pe. Matteo Ripa, que dirigia o *Collegium Sacrae Familiae*, em Nápoles, já era auxiliado por católicos chineses conversos².

Depois das primeiras viagens marítimas dos portugueses para o Oriente, seguidos pelos holandeses, ingleses e franceses, ao serem fundadas as respectivas Companhias das Índias, vários produtos, muitos deles já conhecidos antes por via das rotas terrestres da seda, passaram a ser importados em grandes quantidades e a preços mais baixos, como o chá, os tecidos, o papel de parede, as lacas, a cerâmica, a porcelana e o marfim, explodindo, na Europa, a loucura pela *chinoiserie*.

A par desta moda e da nova paixão pelo exotismo das peças decorativas chinesas também cresceu o interesse pelos seus produtos naturais.

Entretanto, não só em França mas também em outros países da Europa iam surgindo os primeiros sinólogos e com eles o interesse pelo estudo dos mais variados assuntos entre os quais a botânica e o aproveitamento de espécies vegetais, animais e minerais utilizadas em medicina pelos chineses com uma experiência de milénios. Começaram, então, a aparecer traduções de livros sobre este assunto sendo a tradução do *Mai Jing* 脉经 (Tratado do Pulso), datada do século XVII e que se encontra na Biblioteca Nacional de França, uma das mais antigas que conhecemos.

Contudo, nem só na corte de Pequim os jesuítas estudavam os usos e os valores dos filhos do Celeste Império. Em outros pontos do Oriente também se

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

encontravam jesuítas portuguesas, como o Pe. João de Loureiro, que herborizou e classificou várias plantas da China do Sul e da Cochinchina e o Pe. António de Barros, que na tradução de uma obra chinesa – “Simplices Sinicos e medicinaes com as suas qualidades e virtudes do livro que tem por título Y Haoc” – identificou algumas das plantas usadas em medicina pelos chineses, enviando o seu manuscrito³ para o Colégio de São Paulo em Macau.

Ao mesmo tempo que chegavam à Europa notícias de fármacos chineses também entravam conhecimentos da medicina europeia no Império do Meio através dos jesuítas, muitos dos quais possuíam conhecimentos adquiridos nas mais famosas escolas médicas europeias, como Bernard Rhodes (1669-1711), João José da Costa (1679-1749), Etienne Rousset (1689-1758), Manuel de Matos (1725-1764) e Luís Bazin (1712-1774), além de outros físicos e cirurgiões. Até o próprio imperador Kangxi (1662-1722) se interessou pela medicina ocidental depois de ter adoecido com malária e ter ficado profundamente impressionado com a sua cura obtida com uma decocção de quina preparada pelos padres Gerbillon e Pereira.

Como é do conhecimento geral, a quina (*Cinchona officinalis* L.) é uma planta americana que os padres jesuítas tinham encontrado nas suas missões nas Índias Ocidentais.

Aliás, por onde passavam, procuravam descobrir as virtudes das plantas curativas locais, talvez por influência da teoria de Paracelsus que considerava que “onde está a doença está a sua cura”.

Foi, aliás, um missionário jesuíta anónimo que escreveu em Cantão, em língua francesa, o livro *Secrets de la Médecine des Chinois*, impresso em Grenoble em 1671⁴. Excluindo alguns escritos em latim, publicado em França este é o primeiro livro escrito em língua europeia que se conhece sobre medicina chinesa. Desconhece-se, porém, o nome do seu autor. Este livro foi traduzido em Itália em 1676 e para inglês em 1707, mas a verdade é que não obteve grande atenção dos praticantes europeus de medicina.

Só mais tarde, quando surgiram novos livros em latim sobre o assunto e ficou conhecido o famoso livro de Li Shizhen 李时珍 (1518-1593) através do trabalho monumental de Du Halde e que foi parcialmente traduzido em 1731, passaram a merecer maior interesse os trabalhos que se sucederam ao longo do século XVIII.

O médico francês Jacques François Wandermonde, que exerceu em Macau entre 1700 e 1731, ao regressar a França em 1732 com o seu filho Charles Augustin (1727-1762), fundou o *Journal de Médecine Chirurgie et Pharmacie* no qual publicou muitos artigos sobre medicina chinesa.

Como seria de esperar, os eruditos da época mais esclarecidos e que dominavam, além da sua língua materna, o latim e a língua francesa, receberam estes escritos com algum entusiasmo e incluíram alguns dos elementos neles referidos no seu receituário.

São exemplo vários medicamentos chineses de origem vegetal, como a ergotamina [*mai jiao an* 麦角胺], a chaulmogra (*Hydnocarpus kurzii* (King) Warb.) [*da feng zi* 大风子], a éfedra (*Ephedra sinica* Stapf.) [*ma huang* 麻黄] desconhecidos até então na Europa, que acabaram por ser usados com sucesso. O óleo de castor foi também reabilitado como lenitivo e o ruibarbo chinês foi estudado pelo Pe. Parrenin (1665-1741), sendo identificado por Lineu como *Rheum palmatum*, já para não falar no chá.

As plantas da China, tanto medicinais como ornamentais, passaram a ser, na Europa, o assunto de vários artigos, tendo chegado aos nossos dias alguns álbuns magníficos com lindíssimas ilustrações.

A acupunctura foi mencionada no século XVI por Fernão Mendes Pinto e depois por outros autores, quase em paralelo com as moxas japonesas e com o uso da artemísia⁵.

Não surpreende, pois, que João Curvo Semedo, que ficou na história como um dos mais brilhantes médicos portugueses do século XVIII, e que mantinha boas relações com os jesuítas do Colégio de Santo Antão em Lisboa, onde estudara, se tenha interessado pelas exóticas plantas da China trazidas e estudadas pelos mais diversos viajantes por rotas inidentificáveis e em épocas sem possibilidades de serem exactamente definidas. A verdade é que, através dos religiosos da Companhia de Jesus e certamente de muitos outros viajantes mais ou menos anónimos, estas plantas chegaram à farmacopeia portuguesa e passaram a ser usadas até na corte no século XVIII.

A medicina chinesa, desconsiderada durante muito tempo e ainda hoje olhada com desconfiança pela grande maioria dos médicos ocidentais que a consideram empírica e distante do método científico, é uma medicina muito antiga com milénios de

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

experiência, que tem revelado a pouco e pouco os seus segredos farmacognósticos e conquistado o respeito que muitos dos seus elementos, principalmente vegetais, merecem.

As duas fontes principais que nos permitem avaliar em que medida eram utilizados medicamentos chineses na farmacopeia portuguesa no século XVIII são a *Collecção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macao e do Brasil compostos e experimentados pelos melhores medicos, e boticarios mais célebres que tem havido nessas partes*⁶ e as receitas de segredo do médico português João Curvo Semedo bem como o seu *Memorial de vários simples que da Índia Oriental, da América & de outras partes do mundo vem ao nosso reino para remédio de muitas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada hum, & o modo com que se devem usar*, publicado em Lisboa em 1727.

João Curvo Semedo foi um dos médicos mais notáveis e eruditos dos séculos XVII-XVIII. Nasceu em Monforte em 1 de Dezembro de 1635 e faleceu em Lisboa em 26 de Novembro de 1719. Era familiar do Santo Ofício e cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Estudou em Lisboa no Colégio de Santo Antão e formou-se na Universidade de Coimbra.

Exerceu clínica em Lisboa onde se tornou rapidamente famoso, principalmente porque criava novos remédios, obtendo com eles curas espantosas para a época.

Foi muito criticado pelos seus colegas de profissão precisamente por se afastar dos métodos científicos de curar do seu tempo, usando e abusando do empirismo e até da superstição. É possível que a desconfiança dos seus colegas se deva, em parte, à utilização de drogas exóticas, como as chinesas.

Por conhecer e ter acreditado nestes novos simples farmacêuticos, ao que é de crer por influência dos padres do Colégio dos Jesuítas de Santo Antão, o que parece poder comprovar-se com a leitura dos manuscritos atrás citados onde estão registadas as receitas de segredo das boticas dos colégios de Santo Antão, deve ter sido Curvo Semedo o primeiro médico português ou um dos primeiros a usar no reino a quina contra as “febres terças e quartãs” bem como outros fármacos tais como a “contrayerva”, o alcaçuz, o sapuche, o “ginsão” (ginseng) e a “maçã de vaca”, além de outras.

Curvo Semedo descreveu algumas destas espécies e os segredos da sua manipulação e utilização⁷.

Seleccionámos apenas alguns destes fármacos, que consideramos mais representativos:

Ponta de Abbada, & suas virtudes

“Serve o pò desta ponta tomado em quantidade de meya oytava para matar lombrigas, com tal condição, que se tome cinco dias em jejum desfeyto em agua cozida de grama, ou de codeço; a agua em que esta ponta estiver metida hum quarto de hora, bebida alegra o coração, & modera a sede; para esquinencias, & para parotidas, he grande remedio untar as taes partes com o polme que se fizer com esta ponta, repetindo esta diligencia muytos dias; os que padecem palpitações de coração, conhecem grande alivio bebendo a agua que estiver hú quarto de hora dentro de hum copo da ponta da Abada.”

A “abada” é o mesmo que chifre de rinoceronte (*Rhinocerus sp.*) conhecido em chinês por *xiniu* 犀牛. Reduzido a pó, o gosto é salino e actualmente sabe-se que contém queratina, tirosina, cistina, carbonato de cálcio e fosfato de cálcio. É usado, em medicina chinesa, como cardiotónico, antipirético, hemostático e como antídoto eficaz contra envenenamentos.

*Pào Cobra, & suas virtudes*⁸

“Este pào na lingua de Gentio, se chama Dengya Catenga, outros lhe chamaõ Catubia; o nome de pào Cobra lhe deraõ os Portuguezes, por ser o mais efficaz remedio do mundo para as mordeduras das cobras mais venenosas.

Serve o pò deste pào sulado, ou muido muyto subtilmente, para remedio das grandes febres, dando-o a beber em agua, & untando com o seu polme o corpo: serve para qualquer dor quente, ou fria, ou inchaço, ou gotta, untando com o seu polme a parte dolorosa.

Dizem os naturaes daquellas terras, que esta raiz se deve colher no mingunte da Lua, tomando a raiz que fica para a parte do nascente, porque a do poente não tem virtude; antes dizem que he prejudicial.

Do pò desta raiz se pòde dar meya oytava misturada com agua.

Applica-se com grande utilidade sobre as pontadas, tomando-o tambem pela boca.

Na inchaço das pernas faz o tal polme consideraval proveyto.

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

Tal condição que se applique morno, & não se deyxer secar.

O pô desta raiz misturado com a agua em que tiverem cozida a erva Anagalis, a que chamamos Marugem, ou misturado com espirito de vinho alcanforado, cura por modo de encantamento as Erysipelas, có Nas parelesias se pôde dar pela boca a aua em que foi sulada esta raiz, untando tambem a parta paralitica com o seu polme muytas vezes no dia.

Nas dores do estomago faz maravilhoso proveyto o tal polme já bebido, já untando-o com elle; doente houve, que estando desesperado com dores de estomago, o untou com o polme de tal raiz, & porque o doente molhou a mão no dito polme para esfregar com elle o lugar da dor, não sò melhorou della, mas tendo a mão com gotta, se tirou a gotta, nem a teve mais em sua vida.

Nas feridas obra a maravilhosos effeytos deytândolhes os ditos pôs: serve este pô para dores de madre, ou seja bebido, ou seja untando o pintam com elle, alimpa os rins de areas.”

O pau-de-cobra é semelhante a “sapsana”, sapuche ou “sapuz”. São, no entanto, espécies diferentes do mesmo género. A primeira [*she gen mu* 蛇根木] corresponde a *Rauwolfia serpentina* Benth. ex Kurz (sin. *Ophioxylon serpentinum* Linn.; *O. majus* Hass.) e a segunda [*luo fu mu* 萝芙木] a *R. verticillata* (Lour.) Baill. e era usada na medicina oriental como alexifármaco. Na receita de segredo n.º 26 da botica do Colégio de São Paulo de Macau o sapuche era usado na preparação de bálsamo estomacal.

Contrayerva, & suas virtudes

“Nas Indias de Castella se cria hua erva a que os naturaes daquelle terra chamaõ Contrayerva, na lingua Portugueza val o mesmo, que contraveneno; he admiravel antidoto, ou seja para rebater o veneno das mordeduras de bichos peçonhentos, ou seja para vencer o veneno, que maliciosamente se deo para matar a alguém. Para as febres malignas he remedio quasi Divino, nem até este tempo se tem achado outro mais poderoso do que he esta raiz, como consta assim pelo que dizem della os grãdes Herbolarios, como pelas muytas febres malignissimas, que eu João Curvo Semmedo tenho curado em tantas doenças que não tem numero, os quaes já estavaõ agonizando quando

fuy chamado para os curar & dandolhes eu o Cordeal Bezoartico Curviano, que he segredo, & invento meu, & em cuja composição entra a dita Contrayerva escapàraõ quasi todos, como os curiosos poderaõ examinar dos mesmos doentes quasi resuscitados com o dito Bezoartico, cujos nomes acharaõ apontados na minha Polyanthea da terceyra impressaõ no trat. 2, cap. 106. desde a folha 571. até 579.

Ajuda a vir a conjunção mensal, com tal condição que se tome nove dias em jejum em quantidades de huma oytava feyta em pô, & misturada com meyo quartilho de caldo de grãos pardos. Em certo homem muyto perseguido de accidentes de pedra, tem feyto maravilhas a dita raiz, dando huma oytava della, misturada com meya oytava de bom almifcar, desfazendo estas duas consas em meyo quartilho de agua cozida, & bem espremida com a erva chamada alfavaca de cobra, ou com a raiz da erva chamada Onohis, ou remora aratri, que em Portugal se chama rilha boy”.

Esta contra-erva, antidoto contra mordeduras de cobras, nativa da América do Sul, passou a ser substituída pelos padres jesuítas no Oriente pela “contraerva” ou “contrayerva da China”, que supomos tratar-se da espécie *Zanthoxylum nitidum* (Roxb.) DC. (sin. *Z. hamiltoniana* Will. ex Hook); *Z. asperum* var. *glabrum* CC. Huang; *Fagara nitida* (Roxb.) DC.

Esta espécie é originária das províncias do Sul da China e conhecida em Macau por xantólio ou por *jin niu gong* 金牛公 na língua oficial, sendo de há muito utilizada como antidoto contra a mordedura de cobras. O seu princípio activo é a mitidina, extraída principalmente do córtex radicular.

Em Macau estas raízes eram vendidas frescas, nos ervanários, ou secas, nas farmácias locais.

Este fármaco é considerado anódino carminativo, deputarivo, antiflatulento, analgésico e insecticida.

É tóxico para os peixes, embora muito estimado para “expulsar” o veneno da mordedura dos offídios.

Supomos, pois, que seja esta espécie a que os jesuítas da botica de São Paulo chamavam “contraerva da China”.

Em medicina chinesa são conhecidas várias outras espécies do género *Zanthoxylum*, como a *Z. ailanthoides* Sieb. et Zucc., a *Z. alatum* Roxb., a *Z. piperitum* (DC.) Lour. e a *Z. Schinifolium* Sieb. et Zucc. [*qing jiao zi* 青椒子].

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

Embora conhecidas em chinês por nomes diferentes não é de excluir que algumas delas possam ser variedades regionais e não espécies diferentes.

No Catálogo da Exposição de Plantas Medicinais, realizada em Macau pelos Serviços Florestais e Agrícolas de Macau de 14 a 18 de Julho de 1983 constam duas espécies de *Zanthoxylum* usadas pelos médicos chineses do território: a *Zanthoxylum avicennae* (Lour.) DC., conhecida por *shan jiao* 山椒, usada no tratamento da hepatite, edemas e reumatismo e a *Z. nitidum* (Roxb.) DC., conhecida por *jin niu gong*, utilizada no tratamento de reumatismo, mordeduras de cobras e como antitetânica.

Este dado de 1983 parece corroborar a nossa hipótese de ser esta espécie aquela que os jesuítas conheciam e denominavam “contraerva da China”, também conhecida por “agulhas em ambas as faces”.⁹

Raiz de Ginsão, & suas virtudes

“Esta raiz vem da China, & se faz della grande estimação; tem virtude contra febre agudas, & querem que seja tomada cozida com frangaõ, para aquelles enfermos que estaõ nos ultimos paroxismos.

Mas a razaõ diz, q tomada pequena porçaõ em agua da fonte, & bebida no mesmo caldo do frangaõ, ou franga, he admiravel remedio para qualquer enfermo prostrado, desfalecido, ou esfalfado. Ajuda muyto aos fastientos, porque lhes excita o appetite de comer.”

A raiz de “ginsão” é a espécie *Panax ginseng* C. A. Mey. (sin. *P. shinseng* Nees), uma araliácea conhecida em chinês por *ren shen* 人參 e entre nós por ginseng.

A raiz do verdadeiro ginseng é rara, sendo olhada pelos chineses como uma verdadeira panacea devido ao facto de ser semelhante ao corpo humano.

Por vezes esta raiz é adulterada com raízes de espécies dos géneros *Adenophora*, *Platyecodon*, *Campanula*, *Angelica* e *Rehmannia*.

O ginseng americano (*P. quinquefolius* L.) é actualmente exportado para a China e também usado localmente pelos chineses imigrados nos EUA, pois as suas virtudes são consideradas semelhantes.

Em medicina chinesa é tido por um bom estimulante do sistema nervoso quando usado em pequenas doses, sendo também prescrito como tónico, estimulante, afrodisíaco e ainda indicado no tratamento da dispepsia, palpitações, impotência e asma.



Ginseng. Desenho retirado, assim como os das páginas seguintes, da obra de Li Shizhen *Ben Cao Gang Mu* 本草綱目 (dinastia Ming).

Maçã de vaca¹⁰

Também conhecida por “bezoar da China”. Sobre este fármaco o Pe. António de Barros registou que “he amargo e fresco. Serve contra o vento que tira a falla e cauza fleuma na garganta...”

Esta pedra que se cria dentro do fel da vaca, foi assim descrita por Curvo Semedo:

“Dentro do fel de algúas vacas se criaõ humas pedras taõ amarellas como he o açafraõ; estas taes pedras tem grande virtude para curar a Ictericia, com tal condiçaõ, que o doente esteja primeyro bem evacuado: tomam-se vinte grãos de tal pedra

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

pulverizada, quinze dias em jejum, misturando-a com feis onças de agua cozida com folhas de morangos, ou com raizes de grama.

Em minha casa tenho hum remedio, ou segredo taõ efficaz para curar a Ictericia, que sendo eu Medico ha cincoenta & oyto annos, ainda não achei outro tão certo como este, & o tenho em minha casa só a fim de tirar a occasião a alguns. Boticarios pouco escrupulosos, para que não vendaõ o tal remedio, dizendo, que lho reveley, como dizem hoje muytos, que eu lhes reveley o meu Bezoartico, & outros remedios que inventou a minha curiosidade, & que ninguem sabe como são compoostos, nem os ingredientes que entraõ na fabrica delles, & sem embargo disso, raras são as boticas aonda se peça o Bezoartico do Curvo, & outros segredos mais, que não digaõ que o tem, sem fazer escrupulo dos graves damnos, que se seguem de vender os remedios adulterados por verdadeyros.”

Em medicina chinesa o nome deste fármaco é *niu huang* 牛黃, mas corresponde não só aos cálculos da vesícula biliar de bovídeos domésticos, como o nome indica, mas também de rinoceronte. O nome português, constante das antigas farmacopeias é “bezoar”, nome do qual derivam as várias “pedras bazar” ou “cordiais” artificiais das boticas setecentistas.

O sabor é amargo e é usado na medicina chinesa como antitóxico, cardiotónico, antipirético, sedativo e diurético.

De curioso há a notar que no rol dos seus símplies farmacêuticos, João Curvo Semedo inclui a tinta-da-china, afirmando que:

“Da tinta negra, que vem da China, chamada Dolanquim, que roçando-a levemente com agua commua, faz huma tinta muyto mais excellente que aquella, com que escrevemos em Portugal Da China vem para a India humas talladinhos negras, estreytas, & chatas, do comprimento de hum dedo, das quaes humas são douradas, & outras não; cujo prestimo ordinariamente he para servirem de tinta para escrever; porem, tem outra serventia taõ admiravel, que todo o dinheyro do mundo he pouco para se pagar; porque quando os olhos se esbugalhaõ, de forte que parece querem rebentar, & saltar fóra do rosto, faz a tal tinta hum effeyto taõ estupendo, & milagroso, como eu vi em huma filha do

Ceytano de Mello de Castro Viso-Rey da India. Deo a esta menina hua dor taõ repentina em o olho direyto, que de improviso inchou, & se fez tamanho como hua laranja, & quando todos temiaõ que o olho rebentasse, pela grandeza a que tinha crescido a inchação, se sulou húa migalha da dita talhadinha em hum didal de agua da fonte, & com esta agua, ou polme negro se untou a palpebra de cima, & de bayxo, & foy cousa como de encãto, porque em duas horas se desfez a inchação, & a vermelhidaõ, & sarou por modo de milagre. He superior remedio para estancar todos os fluxos de sangue do peyto, misturando-a em agua de tanchagem, de forte que fique a agua bem preta, & grossa como polme. Eu fuy testemunha deste successo, & da brevidade com que succedeo na inchação do olho.”

AS RECEITAS DE SEGREDO DAS BOTICAS DA COMPANHIA DE JESUS

Quando, pelos anos de 1562 ou 1563, os jesuítas fundaram, em Macau, a sua residência, como ponto de passagem para o Grande Império da China, o “primeiro lugar em que se agazalharão foi abaixo da Cruz onde esteve a ermida de Sto. António e, depois se passaram para cima por não haver água”¹¹. Essa segunda residência, espaçosa, com horta e jardim, veio a transformar-se no famoso Colégio de S. Paulo que teve, desde muito cedo, uma enfermaria¹² e uma botica bem apetrechada.

Quanto à botica, já em 1603 estava provida com simples e medicamentos da farmacopeia ocidental mais avançada da época, simples que eram pedidos para Goa e dali remetidos anualmente.

Esta botica era dirigida por um irmão especializado na preparação de medicamentos, o qual, às vezes, em caso de necessidade, era chamado a tratar dos doentes, quer na enfermaria, quer fora do Colégio.

Em 1625 não havia, em Macau, nem botica nem mezinhas ao modo português, a não ser as do Colégio dos Jesuítas¹³. E tanto a enfermaria como a botica do Colégio em breve se impuseram à consideração da população de Macau, que não lhe rogava donativos, por vezes de certa monta.

Tal como o Colégio de Goa, o Colégio de Macau tornou-se, desde logo, no centro cultural da

266
 Pedra basar artificial
 Da Bot^a do Coll. de Macão.

R^e Ambar
 Almiscar an. 3j
 Cançõra 3j
 Spodio
 Jacynthos
 Topazios
 Saphiras
 Rubins
 Esmeraldas
 Granadas
 Bolo Armenio
 Terra sigillada
 Corno de ceruo
 Raspas de unicornio
 Raspas de marfim
 Okos de caranguejo an. 3iiij
 Coral vermelho
 Coral branco
 Alfofar an. 3ij
 Pedra basar Oriental 3iiij

Tar-se

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

cidade¹⁴. Segundo o Pe. Pfister¹⁵, já no início do século XVII funcionaram ali três cursos com nível superior (Matemática, Astronomia e Geometria) e outros de menor grau (Medicina e História Natural). Havia, ainda, um terceiro nível de ensino mais elementar, no qual os estudantes aprendiam a ler, a escrever e também rudimentos de latim. Estes três graus de ensino correspondiam, de certa maneira, aos que ainda hoje existem entre nós. Todos estes cursos eram generosamente abertos à população portuguesa e provavelmente a todos os cristãos¹⁶. Deve ter sido nesse colégio que aprendeu a arte médica o cirurgião João Baptista, um “china de nação” que se criara entre europeus, provavelmente um pupilo e, daí, protegido pela Companhia de Jesus¹⁷, e também o referido Pe. António de Barros S. J., missionário natural de Macau que viveu e trabalhou pela fé na Cochinchina no século XVIII.

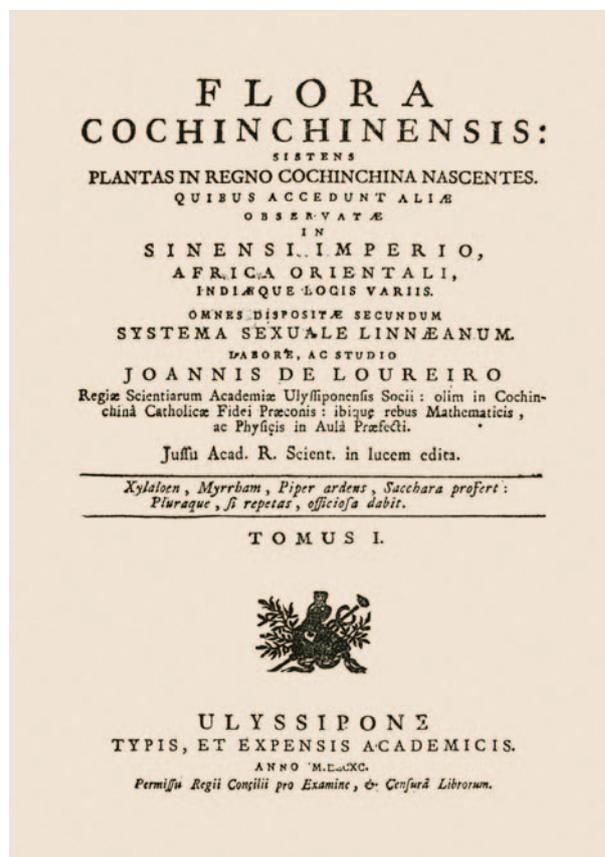
Pode avaliar-se, em parte, a riqueza da botica de S. Paulo e o vasto conhecimento de medicina dos jesuítas pela análise de um documento manuscrito, no qual se pede uma remessa de medicamentos para Goa e cujos elementos constam das farmacopeias mais famosas da época¹⁸, mas muito principalmente, pela análise do receituário que ali se manipulava¹⁹.

A testemunhar o interesse que, desde muito cedo, mereceram à Companhia de Jesus as drogas medicinais chinesas existem vários documentos, ao que supomos inéditos, como cópias manuscritas de traduções de livros de medicina clássica e apontamentos diversos de propriedades de várias plantas nativas, algumas acompanhadas da identificação latina.

Muitos foram os irmãos e padres jesuítas mais habilitados que, só assim, e mediante exibição de alguma arte puderam entrar na corte da China. Estas artes eram principalmente as artes utilitárias, como a medicina, ou as que mais se relacionavam com pensamento mágico oriental, como era o caso da astronomia.

Os jesuítas interessaram-se pela medicina chinesa logo no século XVII.

O Pe. Michael Boym (1612-1659, na China), polaco, filho de um médico do rei da Polónia, que viveu em Macau em 1650, escreveu várias obras das quais citamos *Specimen medicinae sinicae*, tradução dos quatro livros de Wang Shuhe 王叔和 sobre o conhecimento



Frontispício de *Flora Cochinchinensis: sistens plantas in regno cochinchina nascentes*, do Pe. João de Loureiro, Lisboa, 1790.

do pulso, diagnóstico pela língua e descrição dos “frutos de árvores do reino da China” e das suas propriedades farmacêuticas.

Outros padres estudaram a flora exótica da China e da Conchinchina, como o suíço João Schreck ou Terrentius (1576-1630), o francês Pedro d’ Incarville (1706-1757) e o português João de Loureiro (1710-1791)²⁰, que por zelo apostólico estudou a flora regional da Cochinchina para suprir a falta de medicamentos necessários à prática da medicina na sua missão.

Apresentamos a seguir uma lista de usados contra várias enfermidades pela Companhia de Jesus nas boticas dos seus Colégios, inclusivamente no de Santo Antão em Lisboa:

LOSNA

Também conhecida por artemísia, de há muito que era usada na farmacopeia ocidental e consta, fermentada, das receitas n.ºs 14 e 21 do Colégio dos Jesuítas de S. Paulo. Em Macau ainda hoje se encontram

Receita da “Pedra basar artificial” da botica do Colégio de S. Paulo.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

envasadas três espécies de artemísia oriental ali cultivadas para uso medicinal:

– *Artemisia annua* L. [*qing hao* 青蒿]. É nativa do Norte da China, Vietname do Norte, Sibéria e Índia. As folhas e os caules são usados como antipirético e prescritos também para combater desinteria crónica. Em uso externo são usados como bactericida em abscessos e oftalmias.

– *A. capillaris* Thunb. [*yin chen hao* 茵陈蒿], originária da China do Norte, Japão e Taiwan, é utilizada como diurético e antipirético. Colhida na Primavera e seca ao sol é considerada um bom fármaco para eliminar “a humidade” e o “calor” do fígado, da vesícula biliar e do baço-pâncreas, fazendo baixar o colesterol e também eficaz em casos de icterícia.

– *A. vulgaris* L. [艾叶 *ai ye*]. Esta espécie é das mais difundidas e conhecidas pois, embora nativa da China, vegeta praticamente em toda a Eurásia. Esta

diversidade reflecte-se na sua sinonímia: *A. integrifolia* L., *A. indica* Willd., *A. ignaria* Max. e *A. lavandifolia* DC. É usada como hemostático e estomáquico e também na preparação de moxas para moxibustão e cauterização.

RUIBARBO

Esta espécie muito usada em medicina chinesa e conhecida por *da huang* 大黄 é um dos elementos das “pillulas Silvanas”, receita n.º 22 do referido Receituário de Segredo.

O ruibarbo, que consta também da *Pharmacopea Tubalense*, editada em 1735 por Manuel Rodrigues Coelho, corresponde à espécie *Rheum officinale* Baill., nativa da China Ocidental e do Tibete. Os rizomas são usados como estomáquico e purgativo, aliados a várias outras drogas tais como sais de ferro, zinco e cinchona.

Artemisia annua.*Artemisia capillaris.*

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

AQUILÁRIA

Pau-de-águila ou aquilária são os nomes vulgares da espécie *Aquilaria agallocha* Roxb., timeleácea arbórea, nativa dos Himalaias e do Assam, que entrou na medicina chinesa com o nome de *chen xiang* 沉香 e, na medicina ocidental antiga com o nome de linaloés. Garcia da Orta (Colóquio XXX) referiu-se a esta árvore, dizendo que os ramos eram importados de Malaca.

De porte arbóreo, esta espécie é natural dos Himalaias, Vietname e Nordeste da Índia, mas há muito que foi introduzida na China e a sua madeira incluída na sua farmacopeia.

A cor é amarela e a textura pesada quando imersa em água. O sabor é pungente e doce-amargo. O odor é fortemente aromático. É também usado um seu óleo como essência em perfumaria, com o nome de “madeira de aloés”.

Em medicina chinesa é prescrito como estomáquico em émeze nervosa e soluços.

CATO ÍNDICO

Consta da receita n.º 8 da botica do Colégio de S. Paulo. Supomos tratar-se de extracto do lenho da rubiácea *Uncaria rhynchophylla* Miq. (sin. *Nauclea rhynchophylla*) [*gou teng* 鉤藤], nativa do Japão. Em Macau esta planta é conhecida pelo nome de “ganchos”, sendo de há muito usada na medicina chinesa como sedativo e anti-espasmódico e principalmente em neuropediatria. É considerada eficaz para “acalmar o vento” e as convulsões, actuando ao nível do sistema nervoso central e periférico.

FEL DE URSO

Da receita n.º 17 do manuscrito que vimos a citar consta, como um dos seus componentes, o fel de urso.

Ruibarbo.



Aquilária.



OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

Este é, sem dúvida, um dos fármacos mais caros que encontramos nas farmácias chinesas de Macau e isto porque é difícil de obter e é considerado muito eficaz no combate às infecções, o que era quase sempre muito difícil antes da descoberta dos antibióticos.

ESCORCIONEIRA DA CHINA

Uma das espécies descritas e das mais usadas na medicina popular de Macau é a *tian men dong* 天门冬. Consta da receita n.º 6 da botica do Colégio de São Paulo, “Bezuartico de Curvo” (Semedo), aliada à “contraerva” da China e à quina.

Inicialmente, foi identificada pelo Pe. António Barros com a escorcioneira mediterrânica. Contudo, esta palavra foi riscada pelo próprio e substituída por *Melanthium tuberosum*. Esta espécie é hoje identificada como *Asparagus lucidus* Lindl. e usada em associação com a *shan mai dong* 山麦冬 (*Liriope spicata* Lour.),

Cato índico.



identificada como *Commelina medica* pelo Pe. António Barros.

Sobre a primeira escreveu o Pe. A. Barros:

“Amargoso, frio, refresca os bofes, serve contra a quentura, fleuma, tosse, chagas dos bofes, sede, fluxos de sangue pelo nariz, moe a saliva, contra ptizica (ilegível) esperma. Contra espasmos. Rejeita-se a casca e a raiz interna. Se infunde em água quente e se seca ao fogo.”

Seguem-se nomes de outros fármacos escritos em chinês que compõem esta receita. E ainda uma nota: “Para desopilar o sangue se infunde em vinho.”

Esta receita n.º 6, que reproduz o “Bezuartico de Curvo”, é composta por “contraerva da China, quina boa e cozimento de raiz de escorcioneira.”

Esta escorcioneira poderá ser a escorcioneira ibérica (*Scorzonera hispanica* L.), usada contra mordeduras de víboras, ou *Liriope spicata* Lour. (sin. *L. graminifolia*, *Fluggea spicata* Schult, *Ophiopogon japonicus* Wall, *Oph. longifolius* Decne, *Oph. spicatus*, Ker Gawl., *Oph. gracilis* Kunth), escorcionária originária da China e do Japão.

Os rizomas da espécie *Liriope spicata* Lour., são usados em medicina chinesa como antitússico, expectorante e emoliente.

CASCA DE LARANJA-DA-CHINA

Laranja-mandarina ou laranja-da-china – *Citrus nobilis* Lour. (sin. *C. deliciosa* Tenore) –, conhecida em chinês por *ju pi* 橘皮, é o fruto duma pequena árvore de 5-8 metros, originária do Sudeste da China e do Vietname.

O retículo da parede interna da casca é usado, de há muito, em medicina chinesa. Contém vitaminas A, B e C, hesperidina e óleos essenciais tais como citral e limoneno.

É considerado um bom estomáquico e digestivo e ainda antiemético expectorante e antitússico.

No Hospital Queen Mary da Universidade de Hong Kong as auxiliares chinesas davam a cheirar laranja aos recém-operados, para evitar as náuseas devidas à anestesia.

As sementes são utilizadas como analgésico em caso de cólicas e as folhas, em uso externo, são usadas como antiflogístico em mastites e em outras afecções. A receita n.º 25 do referido manuscrito inclui entre os seus quatro elementos a dita “barba”, isto é, o retículo do interior da casca do limão ou tangerina muito usado

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

de há muito em medicina chinesa. Também inclui casca de cidra (*Citrus medica* L.), conhecida como *fo shou* 佛手, mão de Buda.

ANIS-ESTRELADO DA CHINA

Da receita n.º 28 do mesmo receituário consta o “aniz da China em pó”, sementes da *Illicium verum* Hook. f. (sin. *Illicium san-ki* Perr).

É tido por medicamentoso sendo nativo do Sul da China, principalmente de Yunnan e Fujian.

Muito aromática, a semente desta espécie, conhecida por *ba jiao* 八角 é utilizada não só por tornar mais fáceis de tomas as decoções medicamentosas mas também por ser considerada carminativa, além de edulcorante,

Por vezes é usada em sua substituição outra espécie de anis, o *Illicium anisatum* L., conhecida por *bai hua ba jiao* 白花八角.

Alisma



Segundo a mesma receita, que incluía ainda cravinho, canela, azougue, resina de pinheiro, cera amarela e “óleo de girzelim” (sésamo), o “aniz da China em pó” era usado em unguentos contra feridas, chagas, queimaduras e quebraduras.

Os jesuítas assinalaram, aliás, que este unguento se preparava com simples do Oriente “em tijella de barro vidrada”.

GERGELIM

Esta planta, *Sesamum indicum* L. (sin. *S. orientale* L.), de há longa data utilizada em medicina chinesa com o nome *hu ma* 胡麻, é nativa da Ásia tropical, sendo actualmente cultivada em regiões quentes do Velho e Novo Mundo.

Existem duas variedades: a de sementes negras e a de sementes brancas, de sabor adoçado. Análises recentes revelam a existência de vários óleos essenciais úteis no tratamento de queimaduras.

É também prescrita como lenitivo em casos de obstipação e como tónico e nutriente em neurologia. Como vimos, este óleo era usado na preparação do unguento contra feridas, chagas, queimaduras e quebraduras.

ALÇAÇUZ

A espécie *Glycyrrhiza uralensis* Fisch., da família das leguminosas, é o alçaçuz chinês [*gan cao* 甘草]. Originário do Norte da China, Mongólia e Sibéria, consta da receita n.º 6 da botica do Colégio de Macau, possivelmente como edulcorante, muito embora lhe sejam reconhecidas outras propriedades terapêuticas.

ALISMA

Esta planta aquática, *Alisma plantago* L. (sin. *A. cordifolia* Thunb.), uma alismácea, está difundida por todo o hemisfério Norte e por isso não surpreende que faça parte dos fármacos usados tanto no Ocidente como no Oriente. Conhecida em chinês por *ze xie* 泽泻, o extracto das suas raízes é usado em medicina chinesa no tratamento de infecções urinárias, sendo também considerada estimulante dos órgãos genitais femininos. O seu uso mais generalizado, no entanto, é como diurético.

Na receita n.º 9 das fórmulas de segredo da botica dos Jesuítas de São Paulo em Macau aparece integrada como um dos 17 elementos no “Unguento do Pe. Costa”, usado no tratamento de chagas.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

Na receita n.º 16 do mesmo repositório de mezinhas de segredo surge para tratamento de febres “malignas ou acidentés”, entre outros elementos.

HASTES DE CERVO E RASPAS DE UNICÓRNIO

Estes dois elementos são dos mais usados na farmacopeia chinesa e também dos mais caros, encontrando-se nas farmácias de Macau, por vezes, em caixas forradas de seda.

As hastes de *Cervus hortulorum*, *Cervus sika* e do antílope *Nemorhaedus cripus*, são das mais apreciadas pelos médicos chineses.

O médico João Curvo Semedo considera estas raspas capazes de “adelgaçar o sangue e promover a circulação”.

Os médicos chineses consideram as raspas das hastes de *Cervus sika* um bom tónico e estimulante em doses de 3-5 g, e as de *N. cripus* tónico, antipirético e antiespasmódico.

Angélica chinesa.



HASTES DE CERVÍDEO

As mais usadas destas hastes são as de *Cornu cervi* (*lu rong* 鹿茸).

O seu nome farmacopeico actual é *C. cervi pansotrichum*. De natureza quente e de sabor doce e salgado, tonifica os rins e o *yang*. Reforça a energia original, o esperma e fortifica os órgãos genitais.

É um remédio afrodisíaco usado para tratamento de ejaculação precoce. Na receita n.º 16 da Botica do Colégio de Macau estas hastes surgem aliadas a raspas de unicórnio (rinoceronte), raspas de marfim, olhos de caranguejo (concreções calcárias das carapaças dos caranguejos), coral, aljôfar, âmbar, almíscar, cânfora, pedras preciosas e outros preparados na composição da “pedra basar” artificial da botica do Colégio de Macau usada contra febres malignas.

ANGÉLICA CHINESA

As raízes de *Angelica pubescens* (*dang gui* 当归) secas ao sol e conservadas dois a três meses até que amarelecem para voltarem a ser secas, são um dos vegetais mais antigos que entraram na farmacopeia ocidental.

De sabor amargo e picante é usada para restabelecimento da energia nos meridianos dos rins e da bexiga. Dispersa o vento e a humidade e combate as dores de artroses lombares e dos joelhos.

CÂNFORA DA CHINA, CÁSSIA OU CANELEIRA DA CHINA

Desta laurácea, a espécie utilizada nas boticas da Companhia de Jesus era a *Cinnamomum cassia* Blume (sin. *C. aromaticum* Nees), em chinês *gui zhi* 桂枝. Originária do sudeste da China, Laos, Vietname e Samatra, é considerada carminativa, adstringente, estimulante e anti-séptica, sendo vulgarmente utilizada como estimulante do sistema nervoso e vascular. Pode causar náuseas; é ainda considerada analgésica.

AQUÉBIA

A *Akebia quinata* Decne. [*mu tong* 木通] (sin. *Rajania quinata* Thunb.) é uma lardizabalácea originária da China Oriental e do Japão. Os caules lenhosos são usados em lamelas finas de 1 cm de diâmetro como diurético e antiflogístico.

Muitos mais exemplos poderíamos citar mas não desejamos alongar por demais esta nossa exposição.

A título de remate é de referir que este receituário era utilizado não só em Macau mas em todas as boticas

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - II

dos Colégios dos jesuítas, incluindo o Colégio de Santo Antão de Lisboa. É de notar que o “Bezuartico” de Curvo Semedo foi incluído neste receituário de segredo, o que prova a troca de conhecimentos médicos entre os padres e irmãos jesuítas e aquele conceituado médico setecentista.

CONCLUSÃO

De acordo com João Curvo Semedo (1727), “os remédios que vem da India Oriental, & de outras partes, ou sejaó pedras, páos, ossos, frutos, sementes, ou raizes, se daó moidos, ou roçados em agua commua; outros os daó misturados em agua de arroz, a que os naturaes daquellas terras chamaó Ambatacanja²¹; algus os daó em çumo de limaó gallego; & aquelles que se daó para as febres, se bebem á entrada, & à despedida dellas.

A experiencia dos Mouros & dos Gentios da Asia, foy a mestra, que deo o conhecimento para o uso de tais remedios.

Muytos Medicos, & outras pessoas que no saó, tem para si que os bezoarticos, & remedios que vem da India, & de outras terras, nam fazem em Portugal as mesmas maravilhas, que fazem na India, & nas terras em que se crearão, assim

pela diferença do clima, como porque quando chegaó cà, já naó tem aquelle vigor, que tinhaó nas terras em q nasceraó. A esta duvida respondo, que todos os simplices conservaó as virtudes, com que Deos os creou, em quanto no corpo dos taes simplices naó entra corrupçaó. Vemos, & experimentamos, que dos simplices, que vem de Conquistas para as boticas do nosso Reyno, se fazem muytos remedios compostos, & tornaó para as mesmas Conquistas para serviço dos enfermos, & là fazem os mesmos bons effeytos, que fizeraó em Portugal, vindo de diversos climas, & sendo muytos simplices das boticas que mais sugeytos à corrupçaó. Que nenhum dos bezoarticos da India, que tem duraçaó muyto mais larga, & perduravel.”

A leitura desta breve anotação confirma o uso não só de fármacos indianos e chineses mas também a sua manipulação e até a maneira de os ministrar pelos médicos portugueses como João Curvo Semedo o fez, tal como fizeram os religiosos da Sociedade de Jesus.

Medicamentos os mais diversos viajaram do Oriente ao Ocidente e depois da América até à Ásia Extremo Oriental. Viajantes mais ou menos anónimos os levaram. Homens inteligentes e curiosos e despidos de preconceitos os experimentaram. E a Humanidade enriqueceu. **RC**

NOTAS

- 1 Shen Fuwei 沈福伟, *Cultural Flow Between China and Outside World Throughout History*.
- 2 Em 1868 passou a Real Collegio Asiatico e, em 1868, a Istituto Orientale. Actualmente, Università degli Studi di Napoli “L’Orientale” (UNIOR).
- 3 Manuscritos Azuis n.º 335, Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.
- 4 Consultámos este livro na Biblioteca Nacional de Paris. O prefácio está datado de 21 de Outubro de 1668, em Cantão, mas sem nome de autor.
- 5 Descrita como elemento principal das moxas (Kempfer, 1712).
- 6 A. H. S. J., Roma, Códice A. R. F. J., Opp. N.N. 17, p. I-XVIII/610-I-IX/688.
- 7 Em 1738, Manuel José Curvo Semedo publicou em Lisboa um folheto intitulado *Compêndio dos segredos medicinais ou remédios Curvianos, mandado imprimir por Manuel José Curvo Semmedo, actual manipulador e administrador dos ditos remédios*.
- 8 Espécie descrita por Garcia da Orta no seu livro *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India...*
- 9 É de referir que, em medicina chinesa, a mesma espécie pode ter vários vernáculos o que resulta do seu conhecimento e utilização muito antiga em diferentes pontos do seu tão vasto território.
- 10 O mesmo que “maçam de vaca”.
- 11 Pe. B. Videira Pires, “Os três heróis do IV Centenário”, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, ano V, vol. V, Out./Nov., 1964.
- 12 As boticas e as enfermarias existiam em todos os grandes colégios jesuítas da Europa.
- 13 *Jesuítas na Ásia*, Mss. Bibl. da Ajuda, Cód. 49-V-6, fls. 346 e ss.
- 14 A importância do colégio de Macau era tão considerável no princípio do século XVII, que em 1616 foram para ali enviados 7000 livros, dos quais 500 oferecidos pelo Papa.
- 15 Pe. Louis Pfister, *Notices biographiques et bibliographiques de tous les membres de la Cie. de Jesus qui ont vécu en Chine pour y prêcher l’Évangile...*
- 16 Os filhos dos moradores pagavam propinas, pelo que seriam os filhos dos comerciantes mais abastados aqueles que tinham, então, em Macau, acesso à cultura. Os chineses não eram admitidos, porque

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - II

- se considerava “haver perigo para a cristandade juntar meninos portugueses com os gentios” (*Jesuitas na Ásia*, “Carta Ânua”, Mss. da Biblioteca da Ajuda). Supomos, porém, que os filhos dos chineses cristãos não eram impedidos de frequentar o Colégio.
- 17 Este cirurgião acompanhou em 1692 o médico Pe. Isidoro Lucci S. J., partindo de Macau em 12 de Maio de 1692 para a corte de Pequim. Ali, o cirurgião chinês teve maior sucesso do que o próprio Pe. Lucci. Porque aprendeu medicina da mais actualizada da época num colégio do Oriente e aliava à terapêutica ocidental a genuína terapêutica chinesa?
- 18 “Do Rol das cousas que se hão de mandar cada anno da India p^a. provimento do Collegio de Macao /p^a. a botic”, in *Jesuitas na Ásia*, Cód. 49-IV-66, fls. 17v e 18 (1603).
- 19 *Colecção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da India, de Macao e do Brazil compostos e experimentados pelos Milhores Medicos e Boticarios mais celebres que tem havido nessas partes. Aumentada com alguns indices e noticias curiosas necessarias para a boa direcção e acerto contra as enfermidades.*
- 20 O Pe. Loureiro navegou para o Oriente em 1735 e trabalhou durante 36 anos como missionário na Cochinchina em cuja corte foi nomeado pelo rei “Presidente dos Physycos” e compôs a célebre *Flora Cochinchinensis*.
- 21 Canja, congé (G. d’Orta) V. Ana Maria Amaro, “Da ‘cange’ de Garcia d’ Orta, à popular canja nortenha”, in *Revista de Cultura*, Macau, Instituto Cultural de Macau, n.º 37, Outubro/Dezembro, Macau, 1998, pp. 79-88.

BIBLIOGRAFIA

Manuscritos

Colecção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da India, de Macao e do Brazil compostos e experimentados pelos milhores medicos, e boticarios mais celebres que tem havido nessas partes. Aumentada com alguns indices e noticias curiosas necessarias para a boa direcção e acerto contra as enfermidades. Roma, 1766, A. H. S. J., Roma, Códice A. R. F. J., Opp. N. N. 17, pp. I-XVIII/610-I-IX/688.

Jesuitas na Ásia, Mss. da Biblioteca da Ajuda, Códices 44-IV-61; 44-V-2; 49-IV-66¹⁻⁶⁶; 49-V-2^{26/26}; 49-V-3; 49-V-7; 49-V-6.

Tradução do Y Haoc pelo Pe. António de Barros da Província da Cochinchina, c. 1756, Manuscritos Azuis n.º 335, da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

Impressos

Amaro, Ana Maria, *Medicina Popular de Macau*. Tese de doutoramento, dactilografada, Lisboa, 1988.

Amaro, Ana Maria, *Introdução da Medicina Ocidental em Macau e as Receitas de Segredo da Botica do Colégio de São Paulo*, Macau, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1992.

Benthsm, G., *Flora Hongkongensis*, Londres, 1861.

Faria, José de Cisneiros e, *Uma Botica do Séc. XVIII*, separata de *Noticias Farmacêuticas*, Lisboa, 1935.

Farmacopeia Lusitana, Lisboa, 1841.

Farmacopea Bateana, Pamplona, 1763.

Flora Cantonensis, South China Institute of Botany, “Academia Sinica”, 1956.

Flora Hainanica, t. I-V, Guangdong Institute of Botany, 1964, 1974, 1979.

Gan Weisong 甘伟松, *Yao Yong Zhi Wu Xue* 药用植物学, Guo li zhongguo yixue yanjiusuo, Taipei. 1969.

Hong-Yen Hsu & Peacher, W. G., *Chinese Herb Medicine and Therapy*, California, Oriental Healing Arts Institute, 1976.

Leite, Pe. Serafim, “Serviços de Saúde da Companhia de Jesus no Brasil”, in *Brotéria*, Lisboa, 1942.

Loureiro, Pe. João de, *Flora Cochinchinensis: sistens plantas in regno cochinchina nascentes*, Lisboa, 1790.

Ma Yuan tai, 马元台, Zhang Yin’an 张隐庵, *Huangdi Nei Jing Su Wen Ling Shu He Bian* 黄帝内经素问灵枢合编, Zhongguo yixue congshu tailian guofeng chubanshe, Taipei, 1968.

Pfister, Pe. Louis, *Notices biographiques et bibliographiques de tous les membres de la Cie. de Jesus qui ont vécu en Chine pour y prêcher l’Évangile depuis la mort de St. François-Xavier jusqu’à la suppression de la Compagnie*, Xangai, 1868-1875.

Pharmacopêa Portuguesa, edição oficial, Lisboa, Imprensa Nacional, 1876.

Pharmacopêa Tubalense Chimico-Galenica, por Manuel Rodrigues Coelho, Lisboa, na Oficina de António de Souza da Sylva, 1735.

Semedo, João Curvo, *Advertências dignas de serem sabidas: os remedios que preparo e deixo ensinados a meu filho o Reverendo Ignácio Curvo Semmedo: Livros do autor que estão impressos*, s.l.: s.n., 17- (encadernado com a *Polyanthea medicinal*).

Semedo, João Curvo, *Polyanthea medicinal: noticias galenicis, e chymicas repartidas em três Tratados*, Lisboa, na Oficina de Miguel Deslandes, 1697.

Semedo, João Curvo, *Compêndio dos segredos medicinais ou remedios curvianos que inventou e compôs o Doutor João Curvo Semmedo... mandado imprimir por Manoel José Curvo Semmedo*, Lisboa na Oficina de Jozé de Aquino Bulhoens, 1783.

Semedo, João Curvo, *Memorial de vários simplicis que da India Oriental, da América & de outras partes do mundo vem ao nosso reyno para remedio de muytas doenças, na qual se acharão as virtudes de cada hum & o modo com que se devem usar*, João Curvo Semmedo, s.l., s.n., 17-, 1 v.

Semedo, João Curvo, *Polyanthea medicinal: noticias galenicis e chymicas*, ed. Ignacio Curvo Semmedo, Lisboa, António Pedroso Galram, 1741.

Shen Fuwei 沈福伟, *Cultural Flow Between China and Outside World Throughout History*, China Knowledge Series, Ed. Foreign Languages Press, Beijing, 1997 (2.^a ed.).

Xu Guojun 徐国钧, *Yao Cai Xue*, 药材学 Renmin weisheng chubanshe, Pequim, 1964.

Zhu Ang 注昂, *Tang Tou Ge Jue* 汤头歌诀 Qian qing tang shuju, Xangai, 1924.